

Apresentação

**Lawrence Flores Pereira
Kathrin Holzermayr Rosenfield**

A estética tende a perder espaço – tanto na própria academia como na mídia e junto ao público geral. Os conceitos clássicos da teoria da arte raramente aparecem em textos críticos sobre literatura, cinema ou artes plásticas ou publicados em jornais. Quando aparecem, suas complexas articulações em sistemas filosóficos suscitam aparentes contradições com a realidade contemporânea, enredando críticos e intelectuais em debates muitas vezes deslocados, pois as exigências de coerência dos grandes sistemas (ou “relatos”, no linguajar de Lyotard) filosóficos parecem contradizer ao pluralismo e à fragmentação do mundo moderno.

Adorno já constatava secamente, em 1944, que, do romantismo ao expressionismo, a idéia de uma Obra (com O maiúsculo) cede o lugar ao detalhe expressivo arranjado numa fórmula em que o domínio técnico “do equipamento à utilização dos clichês psicológicos” cria tão somente variações superficiais que reproduzem um mesmo sistema imaginário. Eliminado o sutil agenciamento kantiano das faculdades do ânimo (que torna o juízo de gosto independente do esquematismo racional), a arte tende a perder sua aura transcendente e quase religiosa. Segundo Adorno, a arte na era da comunicação tende a produzir uma paródia do sonho wagneriano da “obra de arte total”: o acordo da palavra, da imagem e da música nada mais faz além de reproduzir e modular (registrando e “re-sensorializando”) as determinações das estruturas econômicas, políticas e sociais.

Das análises de Adorno às dos críticos de hoje (de Baudrillard a Derrida e de Sartori a Yves Michaud, entre muitos outros), assistimos às múltiplas acomodações da

arte com a mídia, o mercado e as instituições do Estado. A recuperação midiática da obra de arte e a desconstrução de sua transcendência ou sacralidade são fenômenos que se revelam como um instrumento maleável para a “imagem” do Estado, do governo e de suas instituições. Michaud analisa de modo lapidar a lógica da valorização do “patrimônio” artístico, valorização esta que não preenche nenhuma função além da de fornecer um alibi para uma máquina burocrática. Esta, por sua vez, reitera recortes ecléticos das teorias estéticas clássicas, combinando os velhos ideais do artista profético com as novas fórmulas que proclamam os valores modernos de um pluralismo relativizante.

É um fato irônico que a reflexão kandinskiana “Sobre o Espiritual da Arte”, hoje cuidadosamente evitada pelos artistas e críticos contemporâneos, transformou-se no carro-chefe dos administradores. O famoso ensaio de Kandinsky inscreve-se ainda na dialética hegeliana da arte romântica que descreve, como figuração “final” da arte, a absorção do conteúdo (exterior) pela forma. Para Kandinsky, a abstração é uma espiritualização do suporte material e sensorial que coloca o grande problema da filosofia da natureza e do limite da reflexão crítica (kantiana). Hegelianamente, poder-se-ia dizer que, na abstração, afirma-se a autonomia do espírito em relação ao material. No entanto, nada indica que Kandinsky concordaria em clivar o movimento espiritual dos suportes estéticos elementares (ponto, linha, plano, cor). O ensaio de Kandinsky representa, de certa maneira, um “gran finale” no marco do “fim da arte” hegeliana: uma assídua exploração das mediações mais recônditas entre o sensível e o espiritual, uma investigação também da finitude do sujeito criador perdido-e-absorvido na (sua) criação.

Despojados do *pathos* contemplativo que anima a investigação teórica de artistas como Kandinsky e Musil, este tipo de reflexão tende a reaparecer, hoje, na forma de clichês jornalísticos e administrativos. Paralelamente à inflação teórica dos discursos sobre a arte, os hábitos midiáticos da sociedade moderna levaram a uma progressiva eliminação da palavra em proveito da imagem e do som. Clivados da articulação reflexiva, imagens e sons abrem uma margem de manobra manipulatória, tornando-se instrumentos propagandísticos sobre os espectadores. Neste contexto formado pela predominância da mídia e o enquadramento da arte em sistemas administrativos (Bienais, leis de incentivo, etc.), ocorre um movimento pendular: a hipertrofia teórica e a lassidão relativa às idéias que procuraram articular o estético num sistema de pensamento filosófico. Ambas as atitudes parecem ser sintomas do fim do “fim da arte” (modulando a fórmula hegeliana), isto é, da marginalização não somente da criatividade artística, mas também da reflexão crítica que pensa a vitalidade da cultura.